

Biographia



O PRINCIPE DE TALLEYRAND.

O DISCURSO LIDO POR MR. MIGNET NA ACADEMIA
DAS SCIENCIAS MORAES E POLITICAS EM SESSÃO
DE 11 DE MAIO DE 1839.

Está quazi a fazer um anno que aos 84 de sua idade falleceu o ultimo grande representante do seculo 18.º, o homem espirituoso que ainda conversou com Voltaire, o celebre constituinte, que tão grande parte tomou nos actos da primeira revolução, o amigo de Sieyes, o executor do testamento de Mirabeau, o conselheiro de Napoleão nos primeiros oito annos do seu poder, o auctor da restauração, á qual tão depressa desamparou; e finalmente o diplomata consummado que tantas vezes se intrometteu na distribuição dos Estados.

Cumpre-me hoje narrar sua vida, tão estreitamente enlaçada com a historia da nossa época; apreciar suas acções, que pela maior parte se confundem com os successos contemporaneos. Empenho é este em demasia vasto para ser contrahido aos estreitos limites d'um discurso, e bem difficil de levar ao cabo em um tempo, ainda tão proximo dos actos, que tenho a referir. Farei todavia a maior diligencia para o conseguir; forcejarei por não ommittir coisa importante, e por só dizer a verdade sciente do que devo á corporação perante quem fallo, e ás recordações pessoas que me restam: julgar-me-hei na presença da historia. Mas, se neste recinto cumpro com os deveres de historiador, espero de encontrar nelle os sentimentos da benevola posteridade.

Carlos Mauricio de Talleyrand Perigord nasceu

em Paris a 13 de Fevereiro de 1754. Pertencente a uma antiga e grande familia, era o primogenito de sua caza: e com quanto fosse desde logo destinado para vir em algum tempo a ser o seu chefe, todavia mingoaram em seus primeiros annos os desvellos da providencia e da affeição; e foi abandonado em um dos arrabaldes de Paris á negligencia d'uma ama. — Uma queda, que deu na idade de um anno, o fez enfermo para sempre, e trocou o destino de sua vida. Seus paes ignoraram ao principio este desgraçado accidente, e quando o souberam, foi parte para estimarem em menos a este filho. Naquelle época destinava-se com anticipação aos filhos das grandes familias a posição que haviam de occupar no mundo; havia para elles uma especie de predestinação social. O primogenito era destinado ás armas; os segundos á igreja. Um tinha cargo de continuar a familia; os outros eram condemnados a sumirem-se n'uma esterilidade proficua a seu esplendor.

Mr. de Talleyrand, que por direito de primogenitura era chamado a ser o chefe de sua familia, foi por sua enfermidade destinado á carreira dos filhos segundos. Seus paes, dispondo d'elle sem contemplação para com suas inclinações, o metteram no serviço da igreja. Passou das mãos mercenarias, a que fôra confiado, ao collegio d'Harcourt, e deste para o de S. Sulpicio, e para a Sorbonna, sem ter desde o seu nascimento dormido uma só noite na caza paterna. Entregue a si mesmo na infancia e na juventude, criou-se por si só: começou a reflectir cedo; e aprendeu a concentrar sentimentos, que não podia exprimir e communicar. Se quando nasceu já vinha dotado pela natureza de raras qualidades, a educação de S. Sulpicio e da Sorbonna lhe accrescentou outras ainda; e mesmo algumas daquellas tomaram nova direcção. Era intelligente e fez-se instruido: era resolutu e fez-se reservado: era ardente e fez-se moderado: era forte e fez-se astuto. A ambição, que em qualquer posição teria desenvolvido, e que em certo modo era inseparavel do exercicio de suas grandes faculdades, tirou dos habitos da igreja a sua morosidade, e os seus meios; porque a igreja desde a sua fundação tem

sido testemunha de tão rapidas combinações, e de tantas ideas fugidias, que tem adopta do por politica a paciencia. Reputando-se a eternidade, tem sempre sabido supportar o tempo, e aguardar em tudo o momento propicio. Nesta grande eschola é que Mr. de Talleyrand se instruiu na arte de penetrar os homens; de julgar as circumstancias, de aproveitar as oportunidades, de tirar partido do tempo sem correr á busca d'elle, e de servir-se das vontades sem as constringer.

Depois de concluir os estudos theologicos appareceu no mundo com o nome de *abbade de Perigord*. Como havia sido contrariado em seus gostos, estava descontente, e propenso a portar-se como revolucionario. Desde logo grangeou a reputação d'um homem de muita conta, e de que, possuindo um nome illustre, animo tranquillo, infinito espirito, uma certa graça que captivava, uma certa malicia que assustava, muito ardor temperado por sufficiente prudencia, e dirigido por extrema destreza; devia necessariamente levar ávante seus intentos.

Seus paes, que por longo tempo o haviam conservado no seminario, a fim de o habituarem á vida que lhe destinavam, o levaram á sagração de Luiz 16. Pensaram que o joven seminarista ficaria deelumbado por estas magnificas pompas da igreja, e que a ambição viria auxiliar a vocação. Mas a experiencia só até certo ponto lhe sahiu bem, e passados dous annos, quando Voltaire deixou Ferney para fazer uma visita a França antes de morrer, o abbade de Perigord mostrou por elle uma predilecção mais voluntaria. Durante esta viagem, na qual o celebre ancião disfructou o poder de seu dominio, então tão bem acceto como seu genio, na qual lançou a benção ao filho de Francklin em nome de Deus e da Liberdade, e na qual expirou fatigado do excesso de sua gloria; Mr. de Talleyrand lhe foi appresentado, e o viu duas vezes. Voltaire foi o primeiro poder perante quem elle se inclinou; e conservou indelevelis recordações destas conferencias, nas quaes nem d'uma nem d'outra parte fallecia espirito. Aprazia-lhe fallar nellas até mesmo nos ultimos tempos da sua vida, e o extremo de sua

admiração para com Voltaire nunca teve diminuição : o que é tanto mais facil de explicar quanto se conhece que entre elles havia alguma analogia; por quanto Mr. de Talleyrand pela graça de seu espirito, pela simplicidade de seu bom senso, e pela selecta naturalidade de sua linguagem era como se fosse da propria familia de Voltaire.

Estas suas pouco orthodoxas admirações para com Voltaire não obstaram a que dentro de dous annos (em 1780) chegasse a ser Agente geral do Clero de França, cargo importantissimo, e que por oito annos exerceu. A Igreja de França possuia então vastas propriedades, rendimentos consideraveis, congregava-se em assembleas regulares, governava-se por si, e a si propria lançava os tributos. O seu Agente geral era o seu ministro; e foi neste cargo que Mr. de Talleyrand apprendeu a tratar negocios politicos. Se d'antes tinha a reputação d'um homem espirituozo, adquirio aqui a de um homem de capacidade. O alto clero não era uma corporação separada do mundo, nem estranha ao que nelle se passava; e o seguinte facto mostrará até que ponto o clero se intromettia nos negocios politicos. A guerra da America excitava então um interesse universal; o abbade de Perigord, agente geral do clero de França, de combinação com seu amigo o Conde de Choiseul Gouffier, armou um corsario contra os Inglezes. O marechal de Castries, ministro da marinha, lhe forneceu artilharia. O armamento d'um corsario por um ecclesiastico pinta bem este tempo singular, em que o papa Benedicto 14.º acceitou de Voltaire a dedicatoria do *Mahomet*, e em que a corte applaudia os epigramas de Beaumarchais contra a nobreza.

O *bello espirito* era o verdadeiro soberano da epocha. Tinha offuscado tudo sem destruir ainda cousa alguma; tinha tornado a authoridade mais suave, o clero mais tolerante, a nobreza mais familiar: tinha aproximado as pessoas sem confundir as classes: tinha introduzido uma certa polidez e um encanto de convivencia na velha sociedade, a qual parecia ter perdido as suas paixões, e conservado sómente boas maneiras. Eram os homens naquelle tempo felices e con-

fiados, como se é sempre nos momentos, em que as revoluções se operam ainda sómente nas intelligencias; em que se mudam só as ideas; em que as crenças, que se esvaecem, a ninguem dão cuidado; em que apenas se exerce uma acção puramente moral, e em que o enthusiamo do que se espera não dá lugar ás saudades do que se perde. No meio d' um tal tempo e d' um tal mundo foi que Mr. de Talleyrand, viveu, alumno da eschola, que tinha Voltaire por mestre, soberanos e grandes senhores por discipulos, os direitos do espirito por crença, e os progressos da humanidade por alvo, a que se dirigia.

O momento da revolução, annunciado pelas novas ideas, ia-se chegando. Mr. de Talleyrand, nomeado bispo de Autun em 1788, fez parte da assemblea dos notaveis, congregados mais para verificar, do que para sanar, as publicas necessidades. Convocados os estados geraes, que só podiam operar as reformas, M. de Talleyrand recitou perante o clero dos quatro districtos (*bailliages*) de sua diocese, que o elegeu deputado, um discurso, em que era para notar um grande senhor aspirando á igualdade das classes e á communitade dos direitos; e um bispo reclamando a liberdade das intelligencias. Com estes precedentes entrou nos estados geraes, onde veio a ser um dos mais zelosos cooperadores da revolução popular, a cuja causa dedicou sua habilidade, da mesma sorte que Sieyes seu pensamento, Mirabeau sua eloquencia, Bailly sua virtude, Lafayette seu character cavalheiresco, e tantos excellentes homens seu espirito e sua adhesão.

Apenas Mr. de Talleyrand entrou na assemblea constituinte, logo tomou nella o seu lugar, isto é, aquelle que lhe era designado por seu merito superior, e sua prematura experiencia. Depois da reunião das ordens, o mais importante ponto era a liberdade dos votos, para os quaes não havia permissão nos mandatos imperativos, que os deputados haviam recebido dos districtos (*bailliages*). Mr. de Talleyrand fez uma proposta contra elles, e provou mui bem a inopportunidade destes mandatos, que reduziam os deputados a simplicis mensageiros dos districtos. Em conformida-

de com o seu voto, a assemblea, que já d'antes se libertara da opposição das ordens, desenredou-se agora dos embaraços dos mandatos, e só lhe restava triumphar da força para marchar livremente para seu grande futuro. Com o auxilio do povo veio a conseguilo a 14 de julho. Na noite deste dia memoravel foi nomeada a commissão de constituição, que devia consagrar os resultados da victoria popular; e Mr. de Talleyrand foi eleito em 2.º lugar, ficando entre Mounier e Sieyes. Dest'arte associado aos homens, que mais tinham meditado sobre a organização das sociedades, contribuiu com elles para a organização completa da França. Mas alem da parte, que tomou neste trabalho geral, o mais extraordinario e o mais extenso, que houve em tempo algum, foi encarregado de appresentar um plano d'instrucção publica, que preparasse as gerações futuras para seus novos destinos.

Pareceu á assemblea constituinte que o melhor meio de completar sua obra, e de assegurar a duração das mudanças, que fizesse, era operal-as na propria intelligencia. Assim o systema, que então foi projectado em seu nome, e que mais tarde veio a realisar-se com modificações, tinha por character principal secularisar o ensino, fundando-o, como tudo o mais, sobre uma base civil, e fazendo-o dar pelo estado, e não pela igreja. O vasto e bello relatorio, que Mr. de Talleyrand appresentou á assemblea, obteve e conservou uma grande celebridade. Considerava nelle a instrucção em sua origem, em seu objecto, em sua organização, e em seus methodos. E' o primeiro trabalho desta natureza concebido d'uma maneira philosophica, e apropriado na sua totalidade ao uso d'uma grande nação. A educação é alli offerecida a todas as graduações, destinada a todas as idades, proporcionada a todas as condições. Ella não se dirige sómente á intelligencia, que desenvolve á proporção de sua capacidade e de suas necessidades; mas tambem á alma que cultiva nos seus melhores sentimentos, e ao corpo, cuja destreza exercita, e de cuja força tem cuidado. Sem desprezar os bellos conhecimentos e as linguas sabias, que põem os povos mo-

dernos em intimidade com os povos antigos, e que conservam a união espiritual do genero humano, tem a instrucção por principal objecto ensinar o que é hoje necessario saber bem para obrar bem.

Escolas primarias, estabelecidas em cada concelho, devem ensinar á infancia todos os principios das cousas, que ella carece de conhecer, e que lhe é inutil saber a fundo. Escolas secundarias, fundadas na cabeça de cada comarca, são destinadas a preparar a mocidade por noções mais extensas a todos os estados, que ella um dia ha-de abraçar na sociedade. Escolas especiaes de departamento teem por fim ensinando o direito, a medecina, a theologia, a arte militar, formar a adolescencia para certas profissões publicas, que para serem exercidas reclamam uma instrucção particular. Finalmente um instituto nacional, ao mesmo tempo corpo cathedratico, que ensina o que se sabe de mais elevado nas sciencias, e corpo academico, que aperfeicoa o que ainda se não sabe bem, tem a grande missão de centralisar o espirito da nação, assim como a assemblea legislativa lhe centralisa a vontade.

Neste systema d'educação nacional os estudos estavam bem determinados, mas o magisterio era fracamente organizado. Por outra parte, posto que os principios moraes fossem nelle objecto d'uma grande sollicitude e d'um ensino continuado, procurava-se demasiadamente sua certeza no raciocinio, e sua sancção na utilidade. Os sentimentos que o espirito nem dá nem demonstra, tomavam alli a forma d'ideias: a moral assentava sobre o interesse, que sim pode servir-a, mas não fundal-a: a honradez era alli professada como uma sciencia, e a virtude recommendada como um calculo. Tal era, em ultimo resultado a disposição do tempo, que arrastado por uma confiança sem limites nas forças da intelligencia humana, não admittia senão as suas concepções, e preferia o que se próva ao que se sente.

Durante este perido regenerador Mr. de Talleyrand se entregou aos mais extensos e mais variados trabalhos. Propoz a adopção da unidade dos pesos e medidas, a fim de que o povo, que dava a si as mes-

mas leis, e que introduzia uniformidade no estado, podesse servir-se d'uma regra commum em suas transacções privadas. Procurou o elemento invariavel desta unidade n'uma divisão do gráo terrestre, ou no comprimento do pendulo simples de segundo relativo a uma latitude determinada. Isto era o principio da revolução applicado á avaliação material das cousas. Clamou contra a continuação das loterias, expondo a enorme desigualdade das suas probabilidades como jogo, e a immoralidade de seus productos como imposto. Concorreu para a declaração dos direitos, e provocou a abolição dos dizimos pelo justo principio do resgate. Como membro da commissão das contribuições cooperou para o sabio e engenhozo mechanismo, que applicando o dogma da igualdade aos bens assim como ás pessoas, fundou o actual systema dos impostos publicos. Neste systema, de que eu já tive occasião de fallar com alguma extensão, narrando a vida d'outro membro desta academia (a), todas as riquezas eram lançadas por um modo previdente e proporcional. Mr. de Talleyrand teve o encargo de organizar a parte das rendas publicas, que assentam sobre os actos da vida civil e economica: apresentou a lei do registro, a qual em suas principaes bases subsiste ha quasi meio seculo com mui pouca differença do que foi decretada pela assemblea constituinte, e tem sido um dos mais fecundos recursos do estado, e desde então um dos seus mais seguros meios de grandeza.

Mas Mr. de Talleyrand não se distinguio menos como financeiro do que como um dos fundadores da constituição, e um dos autores do systema d'impostos. Havia adquirido as mais elevadas ideas e as mais praticas sobre estas difficeis materias na intima communicação com Mr. Panchaud, um dos profundos financeiros do tempo, fundador da caixa de desconto e da caixa de amortisação, habil operador, que n'um momento de penuria arranjou 600 milhões para o thesouro publico, *o unico homem em França*, (para me servir das

(a) Roederer. — Vem no Tom. 1.º da *Revue des deux Mondes*, 1838.

muito expressivas palavras de Mirabeau) *que soube fazer pôr a galinha dos ovos de ouro, sem a matar.*

A desordem das finanças tinha provocado a revolução, que era pouco propria para a remediar. A assemblea constituinte collocada entre suas theorias politicas e suas necessidades pecuniarias não podia realisar umas sem aggravar as outras. Tudo o que ella concedia a suas ideas desarranjava ainda mais suas finanças, pois a confusão das fortunas, que era a consequencia das reformas, paralisava momentaneamente a riqueza publica. Mr. de Talleyrand apoiou os diversos empréstimos propostos por Mr. Necker; recommendou fortemente a fidelidade para com os credores; tentou em bellos e sabios discursos fundar o credito da nação, que offerencia (segundo sua feliz expressão) *a mais bella hypotheca do universo*, sobre uma caixa de amortisação, que o facilitasse, e sobre a boa ordem, que o assegurasse. Todavia se elle se houvera limitado a propôr estes meios, que são proprios dos governos regulares, em um momento de crise social, em que as imaginações pouco confiam, e os poderes tem pouco vigor, mui fraco auxilio teria prestado ás publicas necessidades. Não parou aqui, e por um audaz expediente, tão conforme ao espirito da revolução, como aos principios da sciencia economica, poz dous milhões de milhões á disposição do thesouro.

Já se entende que quero fallar da celebre proposta, pela qual Mr. de Talleyrand provocou a venda dos bens ecclesiasticos.

Applicou-se a provar que estes bens eram uma propriedade nacional, que haviam sido dados não no interesse das pessoas, mas para o serviço de certas funcções, e que o Estado podia dispôr delles, com tanto que assegurasse o exercicio do culto, e a sustentação dos ecclesiasticos. Propoz ao mesmo tempo melhorar a sorte do clero inferior. A assemblea adoptou a sua proposta, mas não seguiu o plano justo e habil, que elle indicou para que o Estado satisfizesse a seus credores. Esta massa de propriedades serviu, contra a sua opinião, d'hypotheca a uma massa equivalente de assignados, ou apolices, cujo curso

foi forçado, e cuja historia elle prognosticou com summa exactidão. E por tanto o que aconteceu foi que esta grande operação retardou a ruina da fazenda publica, mas não a impediu. Comtudo, passada a crise, teye por effeito augmentar a riqueza deslocando e dividindo uma propriedade, até alli amortizada, destruir o regimen particular do clero como corporação, trocando as rendas dos seus bens em ordenados pelas suas funcções; e fazendo com que pelo orçamento fosse esta corporação considerada como parte do Estado.

Mr. de Talleyrand não offereceu em holocausto ás necessidades publicas os bens da sua ordem, sem incorrer em sua aversão. Mas este acto, um dos mais radicaes que se levaram a effeito naquella epocha, não foi o ultimo testemunho de sua cooperação para a revolução. Sobre proposta de Mr. de Talleyrand é que a assemblea constituinte designou o dia 14 de julho, anniversario da tomada da Bastilha, e origem da liberdade publica, para congregar em Paris em federação patriotica os deputados de toda a França. Neste dia solemne o bispo mais dedicado á causa popular celebrou o grande pacto, que devia unir a nação nova e o poder novo sob a mesma lei e pelo mesmo jurament. Em presença de trezentos mil espectadores ebrios d'enthusiasmo; no meio dos confederados de todos os departamentos, animados dos mesmos desejos que Paris; perante a familia real e a assemblea nacional, por um momento conformes nos mesmos sentimentos, subiu sobre o altar levantado no Campo de Marte para inaugurar em certo modo os futuros destinos da França.

Depois de ter consagrado a revolução, á qual havia offerecido um systema de educação publica, e a favor da qual havia tornado disponivel uma parte do territorio, até alli immobilizada; Mr. de Talleyrand associou-se a uma medida destinada a collocar ainda mais o clero na dependencia do estado, sugeitando-o a uma constituição civil. Verdade é que esta constituição não atacava a crença, mas somente os usos da igreja, e era antes um erro politico do que uma usurpação religiosa. Mr. de Talleyrand com quanto não fosse um dos que a provocaram, deu-lhe toda-

via o seu assentimento. Com tudo declarou abertamente e com energia a opinião de que os membros do clero, que não obedecessem á lei, gozassem da protecção della, e praticassem livremente o culto Catholico, tendo quasi todos os bispos antigos repugnado prestar o juramento, que se lhes exigia, os electores lhes nomearam successores, aos quaes o bispo de Antun e o bispo de Lida deram a instituição canonica. Mr. de Talleyrand que havia abraçado contra vontade o estado ecclesiastico, agora malquistado com o clero da sua diocese, ameaçado d'excommunição pelo papa, rejeitou a nomeação de Arcebispo de Paris, resignou o bispado d'Antun, e passou ao estado civil.

Pouco tempo depois Talleyrand, que antes da revolução tinha recebido a primeira confidencia de Sieyes a respeito do famoso folheto = *O que é o terceiro estado?* = accitou os ultimos pensamentos de Mirabeau. Suas relações, por muito tempo intimas, tinham cessado desde o dia em que Mirabeau vendeu e publicou as cartas secretas sobre a corte de Berlin, escriptas no momento da morte do grande Frederico, e n'uma embaixada, em que por influencia de Mr. de Talleyrand elle fôra empregado. Mas quando Mirabeau se viu atacado da subita molestia, que consternou toda Paris, e que tão depressa o roubou á publica admiração, reconciliou-se com Mr. de Talleyrand. Tendo mostrado desejos de vê-lo, foi Talleyrand levado á cabeceira de sua cama no 1.º d'abril, e lhe dirigiu estas palavras = Metade de Paris está de continuo á vossa porta: a outra metade, e eu com ella, vem tres vezes por dia saber noticias vossas, e cada vez que eu vinha sentia amargamente não me ser permittido entrar. = Por duas horas se conservou só com o glorioso moribundo, que sensibilizado por esta reconciliação lhe entregou o seu discurso sobre a lei das successões em linha directa, afim de o ler á assemblea. Assim no dia seguinte pela manhan, poucas horas depois da morte de Mirabeau, tendo Mr. de Talleyrand subido á tribuna para cumprir com aquelle dever, não se pode exprimir qual foi a emoção da assemblêa, quando elle disse = Mirabeau já não existe. Aqui vos trago a sua

Robespierre fez decretar accusação contra Mr. de Talleyrand, e recebeu de Mr. Pitt ordem de deixar Londres dentro em 24 horas. Toda a Europa lhe estava fechada: passou a America com Mr. Beaumetz, seu collega na Constituinte, e ali viveu mais de dous annos. Fatigado do seu exilio, e de sua inacção, estava prestes a embarcar-se em um navio para a India, quando lhe chegou a noticia, de que era chamado á França por um decreto da Convenção, que se tinha tornado independente, e moderada. Este decreto provocado por Chenier, que o exigiu em nome dos serviços prestados á revolução por Mr. de Talleyrand, ao mesmo tempo que lhe desimpediou o caminho da patria, lhe abriu tambem as portas do instituto, e logo após disso o accesso aos negocios.

Nesta epoca tinha sido fundado o Instituto Nacional, do qual Mr. de Talleyrand foi nomeado membro, posto que estivesse ausente: homenagem justamente devida áquelle que desde o tempo da assemblêa constituinte propozera a fundação desta grande sociedade, e antecipadamente lhe déra o nome, ora immortalizada por tantos trabalhos e por tantos homens illustres. Incorporado na classe das sciencias moraes e politicas, tomou nella o seu logar quando chegou, e foi seu secretario. Pagou o tributo de suas observações e de seus pensamentos lendo duas memorias insignes, uma sobre as *Relações commerciaes dos Estados-Unidos com a Inglaterra*, e outra sobre as *vantagens que se podem colher das colonias novas depois das revoluções*. A 1.^a destas memorias era um painel completo da America do Norte, cujo estado politico era avaliado por Mr. de Talleyrand com o senso seguro d'um homem creado nas revoluções; como sabio economista expunha as suas relações commerciaes; descrevia os costumes como observador a que nada escapa, e figura o aspecto geral com as cores naturaes, que pintam tanto melhor os objectos, quanto com mais exactidão os reproduzem em toda a sua simplicidade. A 2.^a memoria continha sublimes considerações sobre o estabelecimento de colonias destinadas a reparar a perda das antigas, e a facilitar a conclusão e o esquecimento das revoluções. O fim de Mr. de Talleyrand era a-

brir novos caminhos a *tantos homens agitados que tinham necessidade de projectos, e a tantos homens infelizes, que tinham necessidade de esperanças.*

Com tão eminente capacidade, não podia Mr. de Talleyrand ficar por longo tempo fora da gerência do governo do seu paiz. Favoraveis lhe eram as circumstancias; por quanto a revolução carecia de politicos habéis que concluíssem a obra de seus irresistiveis soldados. A Europa, penetrada d'um respeituozo pavor, apressava-se a reconhecê-la a fim de a suspender. Já os reis de Hespanha e de Prussia haviam tratado com ella em Basilea, e o rei de Sardenha se lhe tinha submettido em Cherasque, quando Mr. de Talleyrand entrou para ministro dos negocios estrangeiros no tempo do Directorio. Foi então que se realisaram as ideas, que elle tinha emittido em 1792 ácerca da extensão do principio democrático pela guerra, e de sua consolidação pela paz. Por uma parte fundaram-se sobre o modelo francez as republicas liguriana, cisalpina, romana, helvetica, e batava; pela outra parte a paz de Campo Formio concluida com a Caza d'Austria pelo potente negociador que a havia vencido, as conferencias de Rastadt com o imperio d'Alemanha, e as de Lille com a Inglaterra, pareciam annunciar a resignação universal da Europa á nossa liberdade e á nossa grandeza.

A pezar dos estrondozos triumphos da revolução, mui fraco era o Directorio para que Mr. de Talleyrand acreditasse em sua duração. Servio-o sem illusão, e sua penetração, que via mais alem que todo o mundo, já tinha visto germinar sobre o horizonte da Italia seu infallivel successor. Sabia que a imaginação humana tem necessidade de enthusiasmo, e que a imaginação Franceza principalmente não pode passar sem elle por longo tempo. A um povo, que não quer jazer na indifferença é-lhe necessaria a fé ou em alguma couza, ou em alguém; e como já se não acreditava nas ideas, Mr. de Talleyrand, descobriu que se passava a acreditar nas pessoas: reconheceu o objecto do novo culto nesse general mancebo já todo rodeado da aureola de fogo das batalhas, formado nessa eschola da guerra, donde sahem os maiores homeus, que nella

appreudem a pensar com rapidez, a obrar com exactidão, a dispor dos homens, a tratar com os governos, a decidir da sorte dos imperios, e a serem senhores de si, no meio dos mais terriveis lances. Assim quando o vencedor de Italia tornou a Pariz depois de ter ganhado cinco batalhas campaes, destruido quatro exercitos inimigos, feito 150 mil prisioneiros, tomado 170 bandeiras, e mais de 6 mil canhões, constringido á submissão os governos Italianos, e á paz a caza imperial d'Austria, então começaram a volver-se para elle assim as esperanças, como as admirações. Não lhe chamavam senão o joven heróe, e na ovação, que lhe foi preparada no Luxembourg, quando elle no meio das bandeiras, que tinha conquistado, e do estampido quasi real da artilharia, foi levar ao Directorio o tratado de Campo Formio, Mr. de Talleyrand, que como Ministro dos negocios estrangeiros acompanhou o general, annunciou publicamente seu proximo destino, e não receou dizer, =longe de temer a sua ambição, está-me parecendo, que ainda algum dia nos será preciso solicita-la. =

Assim depois que o General Buonaparte voltou do Egypto, Mr. de Talleyrand, que havia seis mezes tinha sahido do ministerio, se entendeu com elle, e com o Director Sieyes para realizarem os successos do 18 *Brumaire*: e tendo feito parte da empreza, que fundára um governo, associou-se ao systema, que restaurou a ordem social. Nomeado novamente Ministro dos negocios estrangeiros teve mui crescida influencia sobre a politica do 1.º Consul, pela vivacidade de sua admiração, pela prudencia de seus conselhos, e pela conformidade dos pensamentos d'um, e outro. Sabia ao mesmo tempo lizongea-lo, e aconselha-lo. Raras vezes o deixava, e quando se viu obrigado no verão do 1801 a ir tomar as aguas de Bourbon l'Archambaud, escreveu-lhe estas palavras = Parto com pena de me afastar de vós, porque o zelo, com que me entrego aos grandes projectos, que vos animam, não é inutil á sua execução. Que em ultimo resultado (accrescentava elle) quando o que vós pensaes, o que vós meditaes, o que eu vos vejo praticar, não fosse mais que um espectáculo, eu sinto que a mi-

na auzencia seria para mim a mais sensivel das privações.

Associado aos diversos projectos do 1.º Consul, auxiliou-o para levar ao cabo a pacificação religiosa pela negociação da Concordata. Foi por esta occasião que Mr. de Talleyrand recebeu do papa por um breve especial a authorisação de secularisar-se, que elle já dez annos antes havia espontaneamente tomado.

A pacificação interna foi seguida d'uma pacificação geral, facilitada pelas victorias de Marengo e d'Hohenlinden, e negociada por Mr. de Talleyrand. O tratado de Luneville que estendeu pela Alemanha o espirito da revolução secularizando os principados ecclesiasticos; o tratado d'Amiens, pelo qual a Inglaterra reconheceu as conquistas da França, e as obras da revolução sobre o continente; a consulta de Lyon, que constituiu a republica cisalpina, foram as grandes transacções politicas, em que Mr. de Talleyrand teve nesta epoca a principal parte.

Mas tendo novamente começado a guerra pouco depois com a Inglaterra, renovaram-se as hostilidades com as tramas da emigração. O 1.º consul, que em 1802 por milagre tinha escapado á explosão da maquina infernal, vendo-se exposto a taes perigos, quiz fazer tremer aquelles que pretendiam dar-lhe a morte. Excitado pela indignação, e levado das apparencias lançou sua mão terrivel sobre o mais moço e o mais cavalheiro princepe da casa de Bourbon, que posto a um dia de marcha da fronteira do Rheno, esperava por ordem do conselho privado d'Inglaterra o que houvesse de rebentar em França, sem nisso se intrometter, e até, pelo que parece, sem o saber. O duque d'Enghien conduzido á tarde ao castello de Vincennes, alli foi sentenciado durante a noite, e executado como cumplice dos que tinham projectado a morte do 1.º consul. Entrou Mr de Talleyrand no segredo destas mortíferas represalias, ou concorreu sómente para a captura do duque d'Enghien sem conhecer a sorte, que lhe estava reservada? Não ha indicio algum de que elle fosse consultado ácerca deste acto sanguinolento, que aliás era contrario a sua natural doçura e moderação. Mas cumpre dizer que Mr. de Talleyrand em

execução das ordens do 1.º consul cooperou para a captura do duque d'Enghien em territorio estrangeiro, e como ministro dos negocios estrangeiros consentiu na violação d'um principio sagrado do direito das gentes. Se no impeto de seu ressentimento, e para a segurança de sua pessoa não tinha o 1.º consul em conta o unico meio de protecção dos estados fracos, pelo menos aquelle que era o seu forçado conservador não se devia esquecer d'elle.

O 1.º consul para se subtrahir aos perigos em que se tinha visto, fez-se imperador; querendo subir mais alto para que as conjurações lhe não chegassem tão facilmente, e tornar seu poder hereditario, para tornar mais segura a sua vida. Mas a fundação do imperio acarretava consigo uma mudança de systema a respeito das republicas confederadas, mudança que devia levar á guerra. A primeira republica erigida em reino foi a Cisalpina. A Austria que não esperava mais que um pretexto; a Russia, que só pretendia que alguém lhe fosse adiante, immediatamente se declararam; e a não ser a rapidez com que o imperador as carregou, ter-se-hia juntado a elles a Prussia, que ainda hesitava. Quando Napoleão partiu para esta immortal campanha, acompanhou Mr. de Talleyrand os acampamentos, para que o homem da paz andasse sempre junto do homem da victoria. Em Strasbourg estava elle quando teve a noticia de que o imperador por effeito d'uma bem dirigida marcha, havia feito depôr as armas em Ulm a um exercito austriaco inteiro. Nesta occasião contando com infallivel resultado remetteu ao imperador um plano de tratado com a Austria, e lhe propoz um vasto arranjo da Europa. Este plano, todo escripto por sua mão, e desconhecido até ao dia de hoje, merece fixar a attenção da historia, e por tanto insistimos um pouco nelle.

— Não me compete (dizia Mr. de Talleyrand ao imperador) indagar qual seja o melhor systema de guerra: Vossa Magestade o patentea neste momento a seus inimigos, e á Europa espantada. Mas querendo offerrecer-lhe um tributo de meu zelo, tenho meditado sobre a paz futura, objecto, que assim por entrar na ordem de minhas funcções, como por ter mais intima

relação com a felicidade de Vossa Magestade , tem para mim um attractivo particular = Explicando-lhe então as suas ideias , accrescentava que havia na Europa quatro grandes potencias , a França , a Austria , a Inglaterra , e a Russia : que a Prussia , se por um instante esteve na mesma conta , fora somente obra do genio de Frederico 2.º ; que a França era a *unica potencia perfeita* (palavras suas) , porque só ella reunia em justa proporção os dous elementos de grandeza , que nas outras se achavam desigualmente repartidos , isto é , as riquezas , e os homens ; que a Austria e a Inglaterra eram então as inimigas naturaes da França , e a Russia sua inimiga indirecta por sollicitação das outras duas , e por seus projectos sobre o imperio otomano ; que a Austria , em quanto não estivesse em rivalidade com a Russia , e a Prussia , em quanto estivesse em contacto com a Porta , seriam facilmente unidas pela Inglaterra n'uma alliança commum ; que da conservação d'um tal systema de relações entre os grandes estados da Europa resultariam causas permanentes de guerra ; que as pazes não passariam de treguas , e que o derramamento de sangue humano não terminaria definitivamente , e apenas se poderia reputar suspenso.

Nestes termos , perguntava qual era o novo systema de relações , que supprimindo todo o principio de desintelligencia entre a França e a Austria , separasse os interesses da Austria dos da Inglaterra , os pozesse em opposição com os da Russia , e por esta opposição affiançasse a segurança do imperio otomano , e fundasse um novo equilibrio europeu. Tal era o enunciado do problema ; e a solução eil-a aqui. Propunha desviar a Austria da Italia tirando-lhe o estado veneziano , da Suissa tirando-lhe o Tyrol , da Alemanha meridional tirando-lhe as suas possessões da Suabia. Desta sorte deixava de estar em contacto com os estados fundados ou protegidos pela França , e já não ficava em hostilidade natural com ella. Para maior cautella o estado veneziano não devia ser incorporado no reino d'Italia , mas ficar como estado republicano e independente entre aquelle reino e a Austria. Esta , se perdia por uma parte , augmen-

tava pela outra, e lhe dava no projecto compensações territoriaes proporcionadas a suas perdas, a fim de que, não se lhe deixando motivo de queixa, não tentasse recobrar o que lhe houvesse sido tirado. Estas compensações estavam no mesmo valle do Danubio, o maior rio da Austria, e eram a Valaquia, a Moldavia, a Bessarabia, e a parte mais septentrional da Bulgaria.

Dest' arte (diz elle por ultimo) os Alemães ficariam para sempre excluidos da Italia, e para sempre extinctas as guerras, que as pretensões delles sobre este bello paiz tinham por tantos seculos sustentado. A Austria ficando de posse de todo o curso do Danubio, e de parte das costas do mar Negro, seria vizinha da Russia, e por isso mesmo sua rival; afastada da França e por isso sua alliada. O imperio otomano pelo sacrificio util de provincias, que os Russos já invadiram, compraria sua segurança, e um longo futuro. A Inglaterra não acharia já alliados no continente, ou os acharia somente inuteis. Os Russos, apertados em seus desertos, dirigiriam sua inquietação e seus esforços para o meio dia da Asia, e o curso dos acontecimentos os poria em presença dos Inglezes, transformando em futuros adversarios, estes actuaes confederados.

Mr. de Talleyrand não se contentou de apresentar este bello projecto ao imperador depois do successo de Ulm: no mesmo dia que em Vianna recebeu a grande noticia da victoria d'Austrelitz, escreveu ao imperador, dizendo = Vossa Magestade pode agora ou desfazer ou sustentar a monarchia austriaca. A existencia desta monarchia em sua massa é indispensavel á futura salvação das nações civilisadas Supplico a Vossa Magestade que torne a ler o projecto, que tive a honra de remetter-lhe de Strasbourg. Hoje mais que nunca me atrevo a julgal-o como o melhor e o mais salutar. Vossas victorias o tornam facil, e feliz seria eu se me auctorisasseis para fazer um arranjo, que estou convencido asseguraria a paz do continente para mais de um seculo. =

Este plano exequivel n'uma epoca, em que nada era impossivel, teria sem duvida preparado um novo

futuro á Europa, dando á Austria um vasto territorio justamente para aquella parte, para que mais importava extendel-a e engrandecel-a; tornando-a homogenea, o que não era; interessando-a na civilisação do mundo em vez de a deixar immovel em um passado, em cuja defensão continuamente se desfalcava. Este plano teria fundado uma paz duravel por combinações novas, e sobre interesses satisfeitos: mas não agradou ao imperador, que continuou, como até alli tinha procedido, sem ganhar o vencido, e sem o destruir. Contentou-se de se reforçar, e de o abater: aboliu o santo imperio romano, que existia desde Carlos Magno, e formou a confederação do Rheno, de que se fez protector; engrandeceu os estados secundarios da Alemanha, que se achavam em sua alliança natural, e erigiu muitos em reinos: estendeu por ella o principio da revolução, supprimindo as soberanias feudaes da nobreza immediata, da mesma sorte que tres annos antes havia supprimido as soberanias ecclesiasticas. Estreitou a Austria, tirando-lhe o que ella ainda possuia na Italia, sem lhe conceder o que podia indemnisal-a sobre o Danubio, e desta sorte abateu-a sem a submeter. — Taes foram os resultados da batalha d'Austrelitz e do tratado de Presburgo. O imperador, adoptando um systema politico fundado sobre meras expoliações de territorio, só creou descontentes; e se condemnava a combater sempre aquelles que nem sempre poderia subjugar. As tregozas que assignou não foram em certo modo mais do que a suspensão da marcha de um conquistador na Europa.

A divergencia de opinião neste particular entre Napoleão e Mr. de Talleyrand não embargou que este ficasse seu ministro até depois do tratado de Tilsitt, que concluido após das victorias de Jena, d'Eylau, e de Friedland, minorou a Prussia, submetteu a Russia, estendeu a confederação do Rheno do meio-dia ao norte da Alemanha, e levou ao seu apice a grandeza do Imperio e a gloria do Imperador. Mas nesta epocha brilhante, e no momento de suas mais inauditas prosperidades, Mr. de Talleyrand cessou por sua livre vontade de dirigir a diplomacia de Napoleão. Estava elle por ventura fatigado de fazer uma figura, em que

sua moderação era ás vezes condemnada a sacrificios; ou pensava que a decadencia devia começar no ponto, a que tinha chegado a maior altura? ou antes, preferiria elle o titulo, que então lhe foi dado, de vice-grande eleitor, á gerencia dos mais importantes negocios? talvez que já nelle se desse ao mesmo tempo o vago instincto do futuro e a ancia de possuir uma dignidade meramente apparente, quando em 9 d'agosto de 1807 tomou a resolução de largar a pasta dos negocios estrangeiros nas mãos do duque de Cadore, para ficar grande dignitario do imperio, ao mesmo tempo que era já camareiro mór e principe de Benevento.

Sua retirada foi lamentavel para o imperador. O grande espirito de Napoleão, e o bom senso de Mr. de Talleyrand pareciam feitos um para o outro. O que no primeiro havia de inventor, de fecundo, de ousado, de impetuozo, carecia do que no segundo havia de claro, de frio, de avisado, e de seguro. Um tinha o genio da acção, outro o do conselho: um projectava tudo quanto havia grande, outro evitava tudo quanto havia perigoso; e o fogo creador de um podia ser felizmente temperado pela lentura circumspecta do outro. Mr. de Talleyrand sabia fazer perder tempo ao imperador quando sua colera ou sua paixão o teriam impellido a medidas precipitadas; e dava-lhe o meio de se mostrar mais habil ficando mais tranquillo. Por isso dizia elle com uma exaggeração apparentemente cheia de espirito, mas com verdade — o imperador estava compromettido no dia, em que podesse fazer um quarto d'hora antes, o que eu conseguia que elle fizesse um quarto d'hora depois. — A perda d'um tal conselheiro foi para elle um infortunio, que se havia transformar em perigo.

Todavia separaram-se sem se desavir ainda, e mesmo passado um anno por occasião da famosa conferencia d'Erfurt entre Napoleão e o Imperador Alexandre, na qual este abandonou a Hespanha ao outro, que em troco lhe cedeu a Moldavia e a Valaquia, e em que ambos concordaram de bater em common a Inglaterra se não consentisse na paz, e a Austria se não ficasse sujeita; foi M. de Talleyrand que

na qualidade de Camareiro-n-ór fez as honras da corte imperial ao povo de reis e de príncipes soberanos que formavam o acompanhamento dos dous arbitros do mundo. No meio destas esplendidas festas, que tapavam tão importantes negociações, o Imperador não consultou sem utilidade a seu antigo ministro, e um dia lhe disse com pena = nós nunca nos deveríamos ter separado =: e foi entre elles a última prova de concordia.

O Imperador continuou o curso de suas empresas. Até allí tinha elle enfraquecido os outros para se defender a si proprio; mas agora passou ávante; e impellido por sua posição, não esperou ser atacado para conquistar. Pela invasão da Hespanha sublevou contra si um povo inteiro; pela captura do papa incorreu na temivel hostilidade do antigo e poderoso principe, com que elle assentou dever transigir no principio de sua dominação. Mr. de Talleyrand conheceu bem o perigo destes procedimentos; e seja qual for o momento, em que elle desaprovou a empresa da Hespanha, é certo que em 1809 tão publica fazia já a sua censura, que o Imperador irritado lhe tirou o titulo de Camareiro-mór, quando voltou da Península. Elle por si tinha-se desviado dos negocios, e o Imperador o afastou de sua pessoa. Assim se quebrou o ultimo vinculo, que ainda ligava estes dous homens, um dos quaes podia tudo, em quanto duravam os successos felizes, e o outro poderia muito se em algum tempo comesçassem as adversidades. Desde este momento Mr. de Talleyrand tornou-se mais aspero censor, e o Imperador mais desconfiado. Napoleão escandalisou-o com expressões pouco comedidas, e caiu no erro de o fazer descontente sem lhe tirar o poder.

E' desta maneira que Mr. de Talleyrand passou os ultimos cinco annos do imperio, cuja queda previu e calculou desde 1812. E com effeito, quando Napoleão levou suas armas á Russia, atacando uma potencia quasi inaccessible, ao mesmo tempo que tinha que resistir aos ataques da Inglaterra, que dez annos havia lhe não deixara descanso algum quando tinha que comprimir a insurreição da Hespanha, que elle mesmo apeliava em 14 de julho contra a sua conquista; quando tinha de reanimar a frouxidão da Alemanha,

cuja paciência estava exausta; quando tinha a recear o levantamento da Prussia minorada e humilhada; e a vigiar o tenaz ressentimento da Austria, a quem os cazamentos não mudam as maximas, e que aspirava a recobrar os oito milhões de habitantes, que successivamente perdéra pelos tratados, que em virtude dos infortunios da guerra se vira forçada a conceder; foi então que Mr. de Talleyrand, considerou como mui proximo o fim do imperio. —

(Continuar se-ha.)

J. H. da C. R.
